

Páscoa

2018



Morte do Senhor

Serra do Pilar, 30 de março

*Um grande e rigoroso silêncio.
Os irmãos manter-se-ão de joelhos ou de pé,
prostrados ou inclinados, sentados mesmo.
Após o silêncio...*

A nossa glória está na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo!

Oremos (...)

Dá, Senhor, aos discípulos desta hora
olhos e coração para penetrar
o mistério de Cristo, o homem das dores,
e, nele, todas as alegrias e esperanças,
tristezas e angústias
do homem e do Mundo!

Âmen!

Leitura do Livro de Isaías (52,13 - 53,12)

Vede como vai prosperar o meu servo: subirá, elevar-se-á, será exaltado.

Assim como, à sua vista, muitos se encheram de espanto - tão desfigurado estava o seu rosto que tinha perdido toda a aparência de um ser humano! -, assim se hão de encher de assombro muitas nações e, diante dele, os reis ficarão calados, porque hão de ver o que nunca lhes tinham contado e ouvir coisas inauditas. Quem acreditará no que nós ouvimos dizer? A quem se revelou o braço [castigador] de Iavé? O meu servo cresceu diante do Senhor como um rebento, como raiz numa terra árida, sem distinção nem beleza para atrair o nosso olhar, nem aspeto agradável para nos cativar. Desprezado e repellido pelos homens, homem de dores, acostumado

ao sofrimento, era como aquele de quem se desvia o rosto, pessoa desprezível e sem valor para nós. Ele suportou as nossas enfermidades e tomou sobre si as nossas dores. Pensávamo-lo um homem castigado, ferido por Deus e humilhado. Ele foi trespassado, mas por causa das nossas culpas, e esmagado por causa das nossas iniquidades. Caiu sobre ele o castigo que nos salva: pelas suas chagas, fomos curados. Todos nós, como ovelhas, andávamos errantes, cada qual seguia o seu caminho. E o Senhor fez cair sobre ele as faltas de todos nós. Maltratado, humilhou-se voluntariamente e não abriu a boca. Como cordeiro levado ao matadouro, como ovelha muda ante aqueles que a tosquam, ele não abriu a boca. Foi eliminado por sentença iníqua, mas quem se preocupa com a sua sorte? Foi arrancado da terra dos vivos e ferido de morte pelos pecados do meu povo. Foi-lhe dada sepultura entre os ímpios e um túmulo no meio de malfeitores, embora não tivesse cometido injustiça alguma nem se tivesse encontrado mentira na sua boca. Aproveu ao Senhor esmagá-lo pelo sofrimento. Mas, oferecendo a sua vida como sacrifício de expiação, terá uma descendência duradoira, viverá longos dias, e a obra do Senhor prosperará em suas mãos. Terminados os sofrimentos, verá a luz e ficará saciado na sua sabedoria. O justo, meu servo, justificará a muitos e tomará sobre si as suas iniquidades. Por isso, eu o colocarei entre os grandes, e com os poderosos repartirá despojos, pois que, indefeso, se entregou à morte. Foi contado entre os rebeldes quando carregou os pecados de muitos; e intercedeu por eles.

Salmo 21

Pai, nas tuas mãos entrego o meu Espírito!

Todos os que me veem escarnecem de mim,
Distendem os lábios e meneiam a cabeça.
Confiou no Senhor, que ele o liberte,
Se lhe quer bem, que o salve!

Então hei de falar do vosso nome aos meus irmãos,
Hei de louvar-vos no meio d'assembleia.
Vós, que temeis o Senhor, louvai-O,
Glorificai-O, vós todos, filhos d'Israel!

Leitura do Evangelho de João (19,13-30.38-42)

Era a Preparação da Páscoa, por volta do meio-dia.

Pilatos, sentado no Tribunal, disse aos judeus: *Eis o vosso Rei!* Mas eles gritaram: *À morte, à morte! Crucifica-o!* Disse-lhes Pilatos: *Hei de crucificar o vosso Rei?* Replicaram-lhe os príncipes dos sacerdotes: *Não temos outro rei senão César.* Entregou-lhes então Jesus para ser crucificado. E tomaram conta dele.

Levando a cruz, Jesus saiu para o Lugar do *Calvário*, que em hebraico se diz *Gólgota*. Ali o crucificaram, e com ele mais dois: um de cada lado e Jesus no meio. Pilatos escreveu ainda um letreiro, que mandou colocar no alto da cruz; nele estava escrito: *Jesus de Nazaré, Rei dos judeus*. Muitos judeus o leram, porque o lugar onde Jesus tinha sido crucificado era perto da cidade. Estava escrito em hebraico, grego e latim. Disseram então a Pilatos os sumos-sacerdotes judeus: *Não escrevas "Rei dos judeus", mas que Ele afirmou "Eu sou o Rei dos judeus"*. Pilatos retorquiu: *O que escrevi está escrito.*

Quando crucificaram Jesus, os soldados pegaram nas suas vestes, com que fizeram quatro lotes, um para cada soldado; e ficaram também com a túnica. A túnica não tinha costura: era tecida de alto a baixo como um todo. Disseram uns aos outros: *Não a vamos rasgar; vamos antes lançar sortes para ver a quem calha.* Assim se cumpria a Escritura: *Repartiram entre si as minhas vestes e deitaram sortes sobre a minha túnica.* Foi o que fizeram os soldados.

Estavam junto à cruz de Jesus sua Mãe, a irmã de sua Mãe, Maria - mulher de Cléofas - e Maria Madalena. Ao ver sua Mãe e o discípulo que ele amava, Jesus disse a sua Mãe: *Mulher, eis o teu filho.* Depois, disse ao discípulo: *Eis a tua mãe.* E, a partir daquele momento, o discípulo recebeu-a em sua casa.

Depois, sabendo que tudo estava consumado e para que se cumprisse a Escritura, Jesus disse: *Tenho sede.* Estava ali um vaso

cheio de vinagre. Prenderam a uma vara uma esponja embebida em vinagre e levaram-lha à boca. Quando Jesus tomou o vinagre, exclamou: *Tudo está consumado*. E, inclinando a cabeça, expirou.

Depois disto, José de Arimateia, que era discípulo de Jesus, embora oculto por medo dos judeus, pediu licença a Pilatos para levar o corpo de Jesus. Pilatos permitiu-lho. José veio então tirar o cadáver, acompanhado por Nicodemos, aquele que, [tempo] antes, tinha ido de noite ao encontro de Jesus. Trazia uma mistura de quase cem libras de mirra e aloés. Tomaram o corpo de Jesus e envolveram-no em ligaduras, juntamente com os perfumes, como é costume sepultar entre os judeus. No local em que ele tinha sido crucificado, havia um jardim e, no jardim, um sepulcro novo, no qual ainda ninguém fora sepultado. Foi aí que, por ser o dia da Preparação [da Páscoa] dos judeus, porque o sepulcro ficava perto, depositaram Jesus.

Christus factus est pro nobis

(Cristo fez-se por nós

obediens usque ad mortem,

obediente até à morte,

mortem autem crucis!

e morte de cruz!

Contemplação da Paixão

Eu te bendigo, ó Pai, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos! (Mt 11,25). Porque é que a fé não é uma questão de inteligência?, perguntam muitos e temem tantos. Porque é que a fé não é uma simples questão de Lei ou de vontade? Como é difícil aos ricos, aos sábios e aos inteligentes! Um coração cheio já tem que chegue. *Eu te bendigo, ó Pai!*

**Nós não saberemos, jamais entenderemos,
a dor que te causamos!**

Aquele que eu beijar, é ele: prendei-o! (Mt 26,48). “Com uma prova de amor, fazes uma ferida! Com uma expressão do mesmo amor, derramas sangue! Com um gesto de paz, geras a morte!” (Sto Ambrósio). *Com um beijo, entregas o Filho do Homem, Judas!* (Lc 22,48). E um dos que come contigo e do mesmo prato, te entregará (Mt 26,23)!

**Povo meu, que te fiz eu?,
Que mal te causei? Não me dirás?**

Mete a espada na bainha, pois que quantos se servirem dela por ela morrerão trespassados! (Mt 26,52). A força da espada ou a paz da justiça? Diante dos milhões de vítimas de todos os conflitos e focos de guerra do nosso mundo, recordados das palavras que disseste: *Dou-vos a Paz, deixo-vos a minha paz...*, continuamos a pedir-te: *Dá, Senhor, a paz aos nossos dias!*

**Nós não saberemos, jamais entenderemos,
a dor que te causamos!**

A criada olhou-o e disse: *Tu também és discípulo dele, Pedro!* Mas ele disse: *Não o conheço!* (Lc 22,56-57). Mentira! Que amigos eles eram! Tinham-se encontrado havia muito tempo já, uma tarde, numa qualquer praia do mar da Galileia. Ele era um homem impulsivo, é verdade, mas débil. E um tinha ensinado ao outro aquelas artes do mar e da pesca. Depois, veio a profissão de fé em Cesareia: *Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!* (Lc 4,41). E mesmo assim...

**Povo meu, que te fiz eu?,
Que mal te causei? Não me dirás?**

Pilatos fez-lhe muitas perguntas, mas ele nada respondeu! (Lc 23,9). Diante de tantas certezas — quem és tu?, que disseste? que fizeste? —, tu, o Verbo enviado pelo Pai, *poderoso em palavras e em obras* (Lc 24,19), calaste-te, enquanto a multidão gritava: *Crucifica-o! À morte!*

Também nós te damos graças, ó Pai, pelos grandes silêncios da Natureza e da Música, da Poesia e da Arte, da austeridade monástica e da penumbra do românico, da luminosidade do gótico e mesmo da sensualidade do barroco e da pobreza do romântico. É

pelo silêncio de todos os homens que, podendo responder, não o fazem, que o silêncio é de ouro!

**Nós não saberemos, jamais entenderemos,
a dor que te causamos!**

Pilatos mandou vir água, lavou as mãos e disse: Estou inocente! (Mt 27,24).

Claro que não estamos convencidos que Pilatos estivesse inocente. Mas não esquecemos, Senhor, os que, de facto, estão inocentes: todos os que não deixam ir os pobres de mãos vazias mas se esforçam por tirá-los da sua miséria; todos os que condenam as mãos cheias que se encham sempre de mais bens e que todos os dias se banqueteam diante de Lázaro; todos os que se aproximam dos caídos nos caminhos da vida e os conduzem às albergarias nas suas próprias montadas. E ainda pagam o azeite! *O que fizerdes a um dos mais pequeninos...*

**Povo meu, que te fiz eu?,
Que mal te causei? Não me dirás?**

Um dos guardas deu-lhe uma bofetada e Jesus replicou: “Se disse mal, mostra-me o quê! Mas se disse bem, porque me bates”? (Jo 18,22-23).

No meio e no seio das economias do Horror Económico que vivemos e cujas vaidades e maldades é preciso continuar a desmascarar, urge testemunhar o poder da Economia da Graça! *Não acumuleis tesouros na terra, que a traça e a ferrugem corroem-nos e os ladrões rebentam muros [e cofres]: acumulai antes tesouros no céu. Porque, onde estiver o vosso tesouro, aí estará o vosso coração! (Mt 6,19.21).*

**Nós não saberemos, jamais entenderemos,
a dor que te causamos!**

Os sumos-sacerdotes e os anciãos convenceram a multidão a pedir Barrabás e a exigir a morte de Jesus (Mt 27,20).

Perante tanta mentira e tanto suborno que fazem de nós o que não somos, por medo, por incoerência, por não querermos perder e desejarmos sempre ganhar e subir, todos continuamos a gritar: *Esse Jesus, mata-o, antes queremos Barrabás!*

**Nós não saberemos, jamais entenderemos,
a dor que te causamos!**

Como diz o Apóstolo, ele *rebaixou-se até à morte, e morte de cruz* (Fp 2,8), a mais ignominiosa, a mais violenta e cruenta de todas as mortes. Não havia nele crime algum. Então porque foste condenado à mais brutal e atroz de todas as mortes? Depois de ti, quantos não perguntaram já: Onde está Deus?, porque é que ele não aparece?, porque não ouvimos a sua voz? Mas ele, para espanto de todos, orou assim: *Perdoa-lhes, ó Pai, que não sabem o que fazem!*

**Povo meu, que te fiz eu?,
Que mal te causei? Não me dirás?**

Ao vê-lo expirar, o centurião disse: *Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!* (Mc 15,39). E foi um pagão, um soldado romano, a constatar-lo! *Calados os filhos de Abraão, gritaram as pedras!* (Mt 3,9).

A veneração da Cruz

Eis a cruz de madeira
onde estive suspenso
o Salvador do Mundo!

Vinde, adoremos!

*Toda a Assembleia se aproxima processionalmente;
chegando à sua frente, reverencia a Cruz,
ou genufletindo ou ajoelhando com respeito.
Tudo deve processar-se com muita calma e silêncio,
porque, entretanto, a Assembleia vai cantando:*

Povo meu, que te fiz eu?, que mal te causei? Não me dirás!

Para te salvar, flagelei os egípcios e seus filhos primogénitos,
E tu entregaste-me à morte, depois de me teres flagelado!

Libertei-te do Egito, submergindo o faraó no Mar Vermelho,
E tu entregaste-me aos príncipes dos sacerdotes!

Abri o mar diante de ti,
E tu abriste-me o peito com uma lança!

Caminhei à tua frente numa coluna de nuvem,
E tu conduziste-me ao pretório de Pilatos!

Alimentei-te com o maná do deserto,
E tu deste-me no rosto e açoitaste-me!

Matei-te a sede com a água saída do rochedo,
E tu deste-me de beber fel e vinagre!

Para te salvar, feri os reis de Canaã,
E tu feriste-me com uma cana!

Deite o cetro real,
E tu colocaste-me na cabeça uma coroa de espinhos!

Serviço da Comunhão

Sombrios profetas do exílio abandonai vosso vestido de cinza
Pois o Filho do Homem na véspera da sua morte
Se sentou à mesa entre homens
E abençoou o pão e o vinho e os repartiu
E aquele que pôs com ele a mão no prato o traiu
E uma noite inteira no horto agonizou sozinho
pois os seus amigos tinham adormecido
E no tribunal estive só como todos os acusados da terra

Como o trigo do pão que nos dá alimento,
que outrora esteve semeado pelas colinas
e foi recolhido para tornar-se apenas um,
assim seja reunida a tua Igreja
num único reino, desde os confins do Mundo!

Glória a Ti, para sempre!

De toda a Terra reúne a Igreja santificada,
no Reino que tu lhe preparaste!

Glória a Ti, para sempre!

Ámen! Que venha o Senhor!

Ámen!

Vem, Senhor Jesus Cristo!

Ámen!

Aquele que pôs a Mesa e sobre ela colocou o Pão
pôs também no nosso coração e na nossa boca
palavras que nunca poderíamos ter imaginado!
É uma oração para ser dita à Mesa,
para ser pronunciada em Comunidade,
pois que abate todos os muros
que se levantam entre os homens!
Digamos a oração do **Pai Nosso**,
que o próprio Jesus nos ensinou...

(ao apresentar o pão eucarístico):

A comunhão é para quem está em comunhão,
porque este é o Cordeiro de Deus,
Aquele que tira o pecado do Mundo!

à Comunhão

**Glória a ti, Jesus Cristo,
Luz fulgurante sobre as trevas!
Glória a ti, Deus da esp'rança,
Ó luz do homem novo!**

O povo que andava nas trevas viu uma grande luz.
Brilhou uma luz para os que habitavam nas trevas!

Quebraste o jugo que pesava nos seus braços.
Quebraste o bastão do opressor do teu povo!

Depois da Comunhão, o presbítero diz, a terminar:

Dá, Senhor, nosso Deus e Pai nosso,
aos olhos que pomos sobre a Cruz
alcance e penetração
para percebermos o mistério de Jesus,
que deu a Vida pela nossa Liberdade,
o teu Verbo crucificado.
Ele abalou o mundo
e ampliou os gritos da Multidão
e os apelos do teu Povo oprimido,
tal como as pedras, banhadas pelo sangue derramado,
se transformaram em gritos de dor,
a partir de Abel, o último dos justos.
Diante de tanta dor, só ele, o teu Cristo,
sabe e pode responder,
que nós nem sabemos que dizer
nem sabemos que fazer!

o final desta celebração deverá ser, como toda ela, afinal, recolhido e silencioso.